

A vadiagem chega à noite

Marcelo Abreu

Nem cavalo, tampouco carroça. À noite, cessa o burburinho infernal e o Setor Comercial Sul (SCS) mostra outra face: transforma-se em ponto de tráfico de drogas e de prostituição.

Após às 18 horas, fecham-se as lojas, os escritórios, os consultórios, qualquer coisa que lembre concentração de gente. Os camelôs desaparecem e os pedintes somem. Uma outra "fauna" vai chegando lentamente.

Os poucos botequins que ainda resistem não ficam abertos além das 21 horas. São frequentados pelas pessoas que trabalham no local e costumam fazer uma **happy hour** antes de chegar em casa.

"O negócio aqui é tomar uma, duas cervejinhas e ir embora rapidinho, pois a barra costuma pesar depois das 21 horas", diz Amauri Antônio, contador.

"Aparentemente tudo parece calmo, mas em cada esquina do SCS você pode ter uma surpresa", lembra ele.

É preciso coragem para transitar a pé pelo SCS depois das 20 horas. Quem tem de fazê-lo, como as pessoas que trabalham pelo local e costumam sair depois desse horário, sente na pele o que isso significa.

"Sempre saio tarde e quando desço do escritório meu marido já está no estacionamento. Não fico um só minuto esperando", conta a secretária Ana Amélia Thomé.

Segundo ela, nesses oito anos trabalhando no SCS, já viu coisas que "até Deus duvida". "Isso aqui é uma tragicomédia à noite."

Assaltos - A secretária jura ter presenciado assaltos, brigas de travestis e ouvido tiros. "Sexta-feira parece que as coisas pioram e as pessoas enlouquecem", comenta Amélia.

Localizado no coração comercial de Brasília — um dos pontos mais nobres da capital — e bem próximo aos hotéis, o SCS é uma cidade dentro do Plano Piloto.

Durante o dia, apresenta todos os problemas dos grandes centros, como engarrafamentos e pedestres esmagados entre carros e camelôs.

Quando os camelôs empaco-

tam suas muambas e os poucos e espremidos estacionamentos começam a esvaziar é hora de aparecer essa "outra" cidade — muito conhecida e falada, mas ignorada pelas autoridades.

"Depois das 19 horas não se vê um só policial pelas imediações do Setor Comercial", reclama o auxiliar de escritório Dario Alves, que trabalha ali.

Dario conta que já teve seu relógio roubado por dois pivetes armados. "Eles me ameaçaram com faca e ainda me ar-ranharam", lembra. "Como se não bastasse, ainda temos que conviver com a abordagem

frequente dos travestis", completa.

Pivetes — Depois das prostitutas e dos travestis, os pivetes são os grandes frequentadores do SCS.

Sempre em bandos e com sacos de cola em mãos, eles são uma ameaça constante para quem passa por lá.

"A gente vem pra cá porque se chover dá pra dormir debaixo dos prédios e a polícia não mexe com a gente aqui", revela o menor A.C., 14 anos.

A.C. defende seus companheiros e diz que nenhum deles assaltou pessoas. "Tem cara que assalta, mas a gente não", jura.

No meio dessa selva, um outro contingente permanente da população noturna do SCS — os travestis e as prostitutas — convive pacífica e harmoniosamente. Os espaços são previamente definidos e respeitados entre todos.

De um lado — próximo ao Hospital Sarah Kubitschek — ficam eles, (elas?) os travestis; de outro — perto dos hotéis —, estão, de fato **elas**, as prostitutas.

Nos finais de semana, as filas de clientes à procura de programa chegam a engarrafar o trânsito nas redondezas.

"A polícia quando vem aqui é só pra pegar nosso dinheiro. Duvido que eles prendam os traficantes que rondam a área", denuncia uma prostituta, que não quis se identificar.

Frequentador das páginas policiais, o SCS é uma "cidade" ímpar: durante o dia pulsa vida; à noite, dá lugar a um submundo implacável. Como diria a secretária perplexa: "Um mundo que até

Prostituição, drogas e travestis